

Formas emergentes de quotidianização da festa

MÁRIO F. LAGES *

Dizendo respeito a momentos antagónicos do dia-a-dia das actividades humanas, a expressão «quotidianização da festa» tem, nos seus termos, um paradoxo implícito: por quotidiano referimo-nos primariamente aos dias de trabalho; por festa, aos períodos de lazer em feriados e fins-de-semana. Assim, a quotidianização da festa diz de uma mistura de contrários que estaria em marcha nas sociedades mais progressistas. E porque isso elimina a distinção entre duas categorias de análise social, merece ser examinada na sua natureza e nas suas consequências.

O problema de fundo já vem de longe, inscrito como está nas palavras com que designamos os períodos laborais e os períodos festivos. Chamamos, com efeito, feira – de segunda a sexta – aos primeiros, apesar de as *feriæ* serem no Lácio tempos de lazer, que a palavra «feira» em parte guardou, ao designar um grande ajuntamento de pessoas que vendem e compram, conversam com os amigos e conhecidos e assistem à actuação de ocasionais saltimbancos e jograis. Contra a etimologia, trabalho e festa ficam, pois, processualmente misturados.

Todas as línguas têm ambiguidades deste género na designação de fenómenos sociais. As estratégias usadas para a sua solução são muito variadas. Delas destaco três: (i) a especialização, por evolução semântica – como a que acontece quando

* Professor catedrático jubilado da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa.

se usa a palavra «feira» para designar o tempo meio de trabalho, meio de lazer, e se reserva a sua derivada «feriado» para significar as funções exclusivas das *feriae* latinas; (ii) a invenção de novos termos para significar realidades novas – como quando se usa o termo «mercado» para designar feiras sem componente lúdica nem festiva, mas apenas com funções económicas; e finalmente (iii) a utilização de vocábulos em línguas estrangeiras, nelas eventualmente criados por serem mais maleáveis e inventivas, ou porque os fenómenos ali apareceram primeiro. Desta última darei vários exemplos neste trabalho: muitos dos factos aqui analisados referem-se a fenómenos nascidos nos Estados Unidos¹ e rapidamente exportados, com os seus nomes, para outros países, Portugal incluído.

Não é, pois, por subscrever uma moda que este trabalho está repleto de termos ingleses, mas porque ainda não entraram no uso corrente do português expressões suficientemente elegantes e imediatamente compreensíveis que designem os factos em apreço. Os termos equivalentes a *rave* – «delírio» ou «xelma» – soam estranhos; e «festa instantânea» e «multidão-relâmpago», em vez de «*fast feast*» e «*flash mob*», não parecem dar bem a entender os fenómenos em causa.

Reconhecida a importância da questão linguística para este ensaio, defino como seu objecto o estudo das realidades sociais e culturais cobertas pelo complexo semântico das *fast feasts*, *fast feasts*, *raves*, *flash mobs* e termos semelhantes, que substituem ou estendem o conceito de festa tradicional, com vista a perceber como a separação entre festividade e quotidianidade tende a desvanecer-se na pós-modernidade. Mas não analisarei fenómenos aparentemente semelhantes (apesar de terem maior efeito no pulsar vibrante do quotidiano cidadão, por estarem mais ou menos ritualizados), como: teatros de rua por ocasião de festivais, passagens de modelos ao ar livre, sessões de fotografia de centenas de pessoas nuas, festivais de esculturas na areia, corridas e meias maratonas populares, marchas contra a fome, almoços monumentais e outros acontecimentos do género, que não caberiam nestas páginas.

A minha principal intenção é explorar o mapa das realidades festivas hoje emergentes, antes da sua ritualização ou institucionalização, dentro do pressuposto básico de que o *homo faber* e *æconomicus* cedeu definitivamente o passo ao *homo ludicus* e *æstheticus*. A transformação das formas festivas é, por isso, paralela às várias polimorfias pós-modernas, nas quais o agir cada vez mais se insere nas artes performativas e representacionais. Mas não tratarei deste pressuposto e do seu enquadramento, pois isso exigiria uma abordagem mais teórica do que a que me é sugerida no tema escolhido.

1. *Fast feasts* e *fast feasts*: da etimologia aos conteúdos

Em termos gerais, podemos definir festa como qualquer celebração de um acontecimento memorável por parte de uma família, de um grupo de amigos, de uma comunidade ou de uma sociedade. Essencial à noção é que a celebração seja feita em ambiente de regozijo, geralmente com um festim onde sejam servidas bebidas abundantes e comidas escolhidas e/ou rituais. Qualquer festa supõe uma ruptura com o quotidiano, seus trabalhos, cuidados e cansaços. Em substituição das acções utilitárias do dia-a-dia, as actividades festivas, mesmo quando penosas, têm uma finalidade de exultação e um contexto lúdico. Para além disso, a festa implica uma certa repetitividade ritual, tanto nas suas formas domésticas e amiais (por exemplo, festas de aniversário, comezainas e bodas) como nas comunitárias e nacionais (v.g., festas de santos, comemorações da implantação da República, do 25 de Abril, etc.).

Entre as muitas modalidades de festa que a história documenta e as ciências humanas tentam classificar, interpretando o seu significado colectivo, estão algumas recentes, conhecidas por «*fast feasts*» e «*fast feasts*», as quais, embora cumprindo o que está implícito no conceito de festa, têm algumas características próprias. Guardando, com efeito, as componentes de regozijo e de festim, quase esquecem a dimensão de ritualidade que a festa tradicional incluía. Para além disso, dentro da expressão «*fast feast*» há sentidos muito diversos, em razão de a palavra «*fast*» poder ser tomada como substantivo e como adjectivo, no primeiro caso significando «*jejum*» e no segundo «*rápido*», ou «*firme*».

Tomando-a como substantivo, «*fast feast*» significa a festa (do fim) de um jejum. Exemplos de tal acepção são as festas do Natal e da Páscoa: a primeira, terminando o jejum e a abstinência do Advento, continuada ainda na Consoada e resolvida no repasto do dia seguinte, com seus pratos escolhidos e rituais; a segunda, nas festas pascais em que se quebram iguais restrições da Quaresma. E note-se que a relação entre sacrifício e festa, suposta nas referidas sequências, ainda é mais notória quando as festas, religiosas ou outras, como a antiga armação de cavaleiros, são precedidas de vigília.

Esta ligação entre jejum e festa também existe em contexto não-cristão. Basta lembrar a festa do *Eid al-Fitr*, com que se termina o jejum do Ramadão na religião muçulmana. E talvez seja pelo mesmo imperativo religioso que os Adventistas observam uma rigorosa abstenção de carne e peixe e de todos os produtos animais como parte da sua prática religiosa. Estas relações são, de resto, tão básicas do ponto de vista antropológico que, mesmo fora do contexto religioso, o uso exclusivo de determinadas comidas (vegetais, leguminosas, etc.), sumos e chás

para purificar o organismo é denominado festa de jejum (*fast feast*) pela literatura recente². De resto, desde a Idade Média³ que, na ascese cristã, a abstenção da carne implica não só não comê-la, mas também não ceder ao império dos sentidos.

Por nada acrescentarem ao conceito da festa tradicional, não são estas acepções as que mais nos interessam aqui, mas sim as que tomam o termo «*fast*» no sentido de «rápido», «expresso», «instantâneo». Neste quadro, a expressão tem uma componente culinária explícita e significa qualquer alimento pouco comum que é preparado rapidamente⁴ para um grupo restrito de pessoas. Mas também aqui a etimologia e o uso das palavras estão cheios de ambiguidade: no inglês médio, as formas «*fast*», «*fest*» e «*fæst*» não tinham esta forma adjectival, herdada do latim «*festinus*», rápido, veloz⁵. A expressão «*fast feast*» seria, pois, mais um exemplo de cruzamento de significados a que aludi antes, e admite conotações muito amplas, como quando Boym se refere a «oferecer a um consumidor faminto uma festa rápida de calorias visuais»⁶.

Complementarmente a estes sentidos de «*fast feast*» vêm os de «*fast fest*», em que «*fest*» seria uma contracção de «festival». Em muitos dos exemplos recolhidos, esses festivais têm um contexto teatral, sendo as actuações abreviadas ou compactadas, como nas *fast feasts* organizadas pela MACT (Minnesota Association of Community Theatres). Na de 2009, estiveram presentes catorze grupos teatrais, com actuações limitadas a vinte minutos⁷. Por outro lado, na Trezzo Fast Fest de 2008 actuaram, entre outros, diversos «diletantes»; e, na de 2009, uma trupe de «Teatro de Improvisação Cómica». No programa desta *fast fest* houve música diversa, do *punk* tardio adolescente ao *swing* melódico, assim como um concurso de grupos teatrais emergentes e exhibições de jograis, de *skaters* e de *writers*⁸.

Tanto quanto se pode deduzir das breves notícias dos vídeos em que me baseio, nada de verdadeiramente novo existe nestas organizações que não pudesse ser visto noutros festivais de teatro, a não ser, eventualmente, a contracção das apresentações de diferentes agrupamentos, o eventual acesso de grupos experimentais e a inclusão de *performances* menos «teatrais». Eventos semelhantes realizam-se, aliás, com variável frequência em muitos países, como o FITEI em Portugal. E não seria difícil identificar, como já referi, mais uma dúzia de eventos parecidos noutras áreas, que com estes partilham, pelo menos, a função de introduzirem momentos de alegria num quotidiano sem emoção. Deles não trato, porém, como afirmei, não por não contribuírem para a quotidianização da festa, mas por extravasarem do nosso tema e estarem, pelo menos em parte, ritualizados e institucionalizados.

A expressão «*fast fest*» também é usada relativamente a outras formas festivas. No Brasil, organizam-se *fast feasts* para crianças⁹, possivelmente semelhantes

às festinhas organizadas por jardins-de-infância e escolas básicas. E também se aplica o nome aos festivais de *bowling*, como em South Derbyshire¹⁰, o que mostra que as estruturas desportivas são uma condição da recessão progressiva das actividades laborais não terciárias nas sociedades urbanas. A questão é, porém, exterior à nossa temática.

As fontes de comunicação visual disponíveis registam igualmente outras *fast feasts*, em que é exaltada a perícia dos condutores de veículos motorizados, em ambiente de regozijo. É o caso das «temerosas celebrações da velocidade» de automóveis Astra¹¹ e de outras marcas, bem como de outros tipos de veículos, designadamente camiões¹², em que os aficionados põem à prova as suas capacidades, numa onda de acontecimentos que alastrou a todo o mundo e que seria cansativo pormenorizar. Não deixarei, mesmo assim, de referir que, no Brasil, a estes desafios entre condutores de automóveis se dá o nome de «rachas»; e que, sem lhes chamarem assim, tais despiques não são infrequentes entre os aceleras portugueses, como se deduz das notícias da comunicação social em que, de vez em quando, se faz eco de rurgas policiais para controlo de tais competições nas vias públicas, bem como dos acidentes nelas ocorridos com carros e motos des-governados.

Analisando estas últimas *fast feasts*, lembro que, do ponto de vista antropológico, elas têm subjacente, pelo menos subliminarmente, a ideia de transgressão e de fuga ao quotidiano de algumas situações sociais urbanas em que não há sobressaltos ou emoções fortes; que a este substrato se acrescenta a necessidade de reconhecimento e de promoção dentro do grupo, pela demonstração de coragem e destreza; e que não é certamente alheio a tais fundamentos o desejo de exibição que há nas transformações e nos *tunnings* operados nos veículos.

Neste mesmo quadro interpretativo se poderão pôr as concentrações anuais de *motards* (por exemplo, a de Faro), nas quais uma certa excentricidade na forma de se vestir e de se comportar reforça a ideia de liberdade, de rebeldia e de transgressão que estes desportos fomentam. De resto, a vontade de ser diferente pode ter expressões extremas. A fuga às regras, pedra de toque de toda a festividade, é então anárquica, marginal e explicitamente contracultural, como quando em Key West, na Florida, num outro contexto, se celebraram «trinta anos de depravação», com «vilões, megeras e vampiros» à mistura (2009)¹³.

A expressão «*fast fest*» também admite conotações totalmente opostas a estas, à semelhança do que acontece com as *fast feasts*. Os alunos, professores e funcionários da Universidade de St. Ambrose (EUA), desde há pelo menos oito anos têm feito *fast feasts* no final de jejuns, com o objectivo confesso de serem ocasiões «de oração e de consciencialização» e de mostrarem «solidariedade com todos os que

passam fome no mundo»¹⁴. E como nestas coisas a união de contrários é de regra, ao celebrarem uma semana multicultural em Março de 2010, incluíram um festival culinário (*food fest*), com lugar para a degustação de pratos típicos de várias nações¹⁵.

Todos estes exemplos mostram que as expressões «*fast feast*» e «*fast fest*» se aplicam a uma grande variedade de acontecimentos; que esses acontecimentos têm por vezes sentidos contraditórios; e que são típicos das sociedades afluentes e pós-modernas na sua busca constante de novidade e originalidade culturais. Tais sociedades vivem da diversidade e da mudança, em função das dialécticas de contenção e desbragamento, estando a contenção relacionada com os jejuns e as abstinências e o desbragamento com a usufruição excessiva dos bens disponíveis, seja de natureza material, seja cultural. A oposição entre os acontecimentos de conteúdo espiritual e os outros de cariz marginal apenas mostra que as realidades culturais prosperam no conflito.

2. Outras formas de festa instantânea

Além dos espécimes de festa instantânea até aqui referidos, outros há que foram emergindo desde os meados do século XX e que estenderam e transformaram o conceito de evento festivo. Entre eles, destacamos os *happenings*, as *raves* e vários tipos de *flash mobs*, merecendo estes últimos maior desenvolvimento por, em certa medida, substituírem os *happenings* e as *raves* e por, sendo mais recentes, concretizarem mais plenamente a nossa temática.

Happenings e raves

Os *happenings* foram uma grande novidade nos anos 60 e 70 do século passado. Surgidos em contexto artístico pela mão de Allan Kaprow, em 1957, significavam «uma expressão das artes visuais que, de certa maneira, apresenta características de artes cénicas», misturando elementos planeados com outros improvisados e não repetíveis. Com tais eventos pretendia-se «tirar a arte das telas e trazê-la para a vida». Um dos exemplos é o de Robert Rauschenberg, que alugou trinta tartarugas e as soltou num palco escuro, com lanternas presas às suas carapaças, tremeluzindo em direcções aleatórias, enquanto o artista deambulava vestindo calças de jóquei. No final, em andas, o artista jorrou água num balde de gelo preso à cintura, criando nuvens de vapor em seu redor. Ao terminar o *happening*, disse: «As tartarugas foram verdadeiras artistas, não foram?»¹⁶

Este conceito inicial evoluiu em finais dos anos 60 para um outro mais abrangente, que, por influência da cultura *hippie*, começou a englobar quaisquer ajuntamentos interessantes, sobretudo informais, de jovens. Mas mesmo esse conceito foi sendo posteriormente descaracterizado¹⁷. Basta referir que os temas tratados no número de Fevereiro do corrente ano numa revista *on-line* de *happenings* nada parecem reter da primitiva significação do termo: «Observação de baleias», «Celebrações do ano novo chinês», «Semana nacional de prevenção das desordens alimentares», «Noite da cozinha familiar», «Bolsas artísticas» ou «Exploração da natureza com GPS»¹⁸.

Por outro lado, o termo *«rave»* começou a ser utilizado para significar um conjunto de fenómenos que não cabiam nos *happenings*, dizendo respeito a vários tipos de «loucas festas boémias», iniciadas nos finais dos anos 50 em Inglaterra¹⁹, como expressão da cultura *beatnick*. Nos finais dos anos 60, o termo passou a significar «qualquer festa selvagem». Deixou, porém, de estar em voga nos finais da década de 70 e princípios da de 80, nos meados da qual as *raves* passaram a designar-se «festas da casa do ácido», por nelas se consumir *ecstasy* e LSD. Durante estas festas, que duravam doze ou mais horas, dançava-se ao som de música específica. Hoje têm menor dimensão e passaram a chamar-se «PVT», ou seja, festas privadas, sendo todas as pessoas convidadas ou amigas das convidadas²⁰.

O termo *rave* é, pois, expressão de uma subcultura jovem e de marginalidade incerta, não sendo, por isso, adequado a significar as formas de associação temporária e de celebração do quotidiano que ganharam lugar de cidadania nas grandes urbes no século xx. Daí a experimentação com expressões como *«subway party»* e *«flash mob»*, bem como outras que me dispenso de referir por serem de uso pouco consistente e menos indicadas para significar as formas festivas que apareceram na primeira década do presente século.

Das *subway parties* às *flash mobs*

As *subway parties* (festas no metro) têm a intenção de trazer alegria aos utilizadores dos meios de transporte urbanos do subsolo. Eis como se realizam: numa estação predeterminada do metropolitano, reúnem-se várias pessoas que, uma vez dentro da carruagem, cantam, tocam instrumentos, dançam ou trocam presentes. Por vezes dá-se um tema a estes encontros²¹. Este modelo parece ter tido algum sucesso, existindo vídeos no YouTube para Toronto (2003), Nova Iorque (2006), Berlim (2006), São Paulo (2009), Copenhaga (2007), Budapeste (2008), etc. No metro de Nova Iorque fez-se uma *hip hop party* em 2007.

Algumas destes *subway parties*, como a de São Paulo, são consideradas *flash mobs* pelos editores do vídeo – e com razão, pois incorporam algumas das suas características. De facto, esta expressão é a mais abrangente de todas as que têm sido utilizadas para significar a associação momentânea de pessoas que fazem o que lhes vem à cabeça e que, sendo divertido, promova a sociabilidade. Mais propriamente, segundo o *Oxford Concise English Dictionary* (2004, 11.^a ed.), onde a expressão foi introduzida, *flash mob* é «uma aglomeração de estranhos para realizar uma tarefa curta e, por vezes, surrealista, com intenções artísticas ou políticas»²²; e para um dicionário de jargão e de inglês não convencional é «uma grande multidão que se reúne num lugar público para realizar uma acção predefinida durante alguns minutos, antes de se dissolver»²³. Por outro lado, Yanna Vogiazou dá-lhe o seguinte conteúdo: ser uma actividade sem propósito (*pointless*); envolver sincronização e interacção com muitos actores em acções simples; ser auto-organizada; ser massiva, exigindo a presença de espectadores; ser rápida, divertida, surreal; não exigir grande compromisso; e incorporar alguns elementos de provocação e de mistério²⁴. No entanto, os autores e divulgadores das *flash mobs* usam frequentemente a expressão em sentido mais lato²⁵.

***Flash mobs*: o inesperado, o provocatório e o lúdico**

A primeira *flash mob*, segundo o mito aceite, terá sido organizada por um jornalista, Bill Wasik, em Junho de 2003, na secção de tapetes dos armazéns Macy's de Nova Iorque. Reuniu, à volta de um tapete persa de 10 mil dólares, cento e cinquenta pessoas que diziam andar à procura do «tapete do amor». Dez minutos depois, as pessoas dispersaram sem nada mais terem feito, para espanto de um funcionário que ali se encontrava. Sabe-se, no entanto, que, algum tempo antes, o mesmo jornalista havia organizado uma *flash mob* semelhante, impedida pela polícia, junto a uma loja de acessórios femininos.

O mesmo ambiente lúdico e um pouco provocatório foi criado na cidade de Petrozavodsk, na Rússia, em Setembro de 2008, quando alguns artistas entraram numa loja de móveis, um por um, e começaram a deitar-se nas camas e nos divãs em exposição, até serem acordados por uma funcionária. Chegada a polícia, foram identificados os intervenientes e puderam partir, por não haver nada de ilegal no que tinham feito. Do mesmo modo, no Brasil, numa das primeiras *flash mobs* aí realizadas, os participantes ocuparam a Avenida Paulista durante o sinal vermelho, tiraram os sapatos ao mesmo tempo, bateram com eles no chão durante alguns segundos e seguiram para os seus destinos²⁶; e em Londres, no ano de 2003, cerca de sessenta pessoas, exactamente às 18:36, «começaram a andar à volta de uma

banana, no sentido dos ponteiros do relógio, antes de abrirem os seus guarda-sóis e comerem o fruto. Voltaram então para o London Eye, cantando: “A beleza está no olhar de quem olha. Oh, Roda da Fortuna, roda para mim”, uma e mais vezes, antes de partirem tão depressa como chegaram»²⁷. Igualmente desconcertante foi a *flash mob* realizada em São Francisco (Novembro de 2006), em que os intervenientes, vestidos a rigor com camisolas e gorros às riscas horizontais vermelhas e brancas, perguntavam aos transeuntes: «Onde está o Waldo?» Aqui, porém, não se formou um agrupamento de pessoas. Da mesma maneira, cinquenta estudantes da Universidade da Califórnia, em Irvine, divertiram-se a formar uma grande bola com guarda-sóis de várias cores, afastando-se e juntando-se repetidamente, no que chamaram «Spartan Huddle Flashmob» (Novembro de 2007).

O inesperado e a estranheza dos actos é característica das *flash mobs* de coreografias mais simples. Por exemplo, na primeira *flash mob* realizada em Middlesbrough, na Inglaterra, um grupo de mais de vinte pessoas fez uma roda à volta de uma coluna, girou de mãos dadas no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio e caiu no chão; alguns segundos depois, os participantes levantaram-se e dispersaram. Também na Alemanha, numa das primeiras *flash mobs* aí registadas (na Alexanderplatz, em Berlim, em Setembro de 2003), juntaram-se mais de duzentas pessoas para caminhar, em conjunto, durante cerca de cinco minutos, dispersando-se em seguida; e no centro da cidade de Cambridge reuniram-se dois grupos, parecendo lutar entre si, acabando por cair no chão (Junho de 2006).

Exemplos deste género há muitos: na Universidade de Califórnia, em Berkeley, uma dezena de estudantes vestidos de branco e de negro envolveram-se em lutas corpo a corpo, tombando no chão como mortos, surgindo enfim um ninja amarelo que, ao afastar-se, fez com que tudo voltasse à normalidade (Janeiro de 2007). Numa esplanada de Amesterdão, um grupo de jovens cantou a «Bohemian Rhapsody» dos Queen no meio de grande algazarra, fez gestos rítmicos com as mãos, levantou-se e sentou-se várias vezes nas suas cadeiras (Agosto de 2009). E numa *flash mob*, dita «pirata», na Universidade Cornell, os participantes, depois de parecerem lutar, caíram redondos ao chão. Igualmente estranho, é o que ocorreu na Torre 4 dos edifícios da Suntec City, em Singapura, onde várias dezenas de participantes esticaram um arco imaginário, disparando uma seta também imaginária. Para cúmulo do absurdo temos o que aconteceu em Nova Iorque no mês de Outubro de 2009: duas mil pessoas de todas as idades passearam «cães invisíveis», presos a trelas reais, desde Red Hook até Brooklyn Heights, mostrando assim que uma das intenções das *flash mobs* é transportar-nos para o reino da fantasia e do faz-de-conta.

Dentro desta classe de eventos com objectivos fundamentalmente lúdicos, menciono ainda a *flash mob* do dia do dominó, realizada em Colónia, na Alemanha, na qual dezenas de pessoas, numa escada, se lançaram sucessivamente umas sobre as outras, como se de peças de um dominó se tratasse (Fevereiro de 2007), assim como uma *flash mob* registada no Japão em Março de 2007, em que cerca de uma centena de participantes desembocavam numa rua estreita e quase deserta, perseguindo os transeuntes solitários, que se viam obrigados a fugir, ou que, para seu espanto, eram levantados em braços e atirados ao ar.

Outras intervenções há como estas, puramente jocosas: uma que se realizou na Universidade de Manchester, em Inglaterra, quando os estudantes se limitaram a imitar galinhas (Março de 2007); outra, na mesma cidade, em que mais de sessenta pessoas lutaram por um ursinho de peluche (Maio de 2009); ou outras ainda, nas quais os participantes encenaram um tiroteio, simulando pistolas com os dedos e disparando uns sobre os outros.

***Flash mobs* de estátuas e de almofadas: um contraste**

Entre as *flash mobs* puramente gestuais, há duas modalidades que de certo modo se opõem: a *freeze flash mob*, que consiste na imobilização repentina dos participantes, e a luta de almofadas.

Dos muitos exemplos do primeiro tipo que poderia trazer à colação, refiro apenas alguns: no edifício Zlote Tarasy, em Varsóvia, os participantes ficaram primeiro rígidos como estátuas, caindo depois por terra (Março de 2008); na Biblioteca John Rylands da Universidade de Manchester, alguns leitores caíram repentinamente, amontoando-se no chão, onde se mantiveram durante alguns minutos (Março de 2007); e também em Manchester, num supermercado, cinquenta pessoas ficaram imóveis durante quatro minutos (Março de 2007). Na Grand Central Station de Nova Iorque, cerca de duzentos participantes fizeram de estátuas (Janeiro de 2008), tal como as cento e cinquenta pessoas à frente da Galeria Nacional da Escócia, em Edimburgo (Fevereiro de 2008) ou as mais de cem em Trafalgar Square, em Londres (Fevereiro de 2008). Em Riga, os intervenientes ficaram rígidos, em poses estudadas, assim como uma pequena multidão na Universidade do Texas, em Abril de 2009. Mas foi no Trocadéro, em Paris, que cerca de três mil pessoas «congelaram» durante cinco minutos (Março de 2008), naquela que é considerada a maior *freeze flash mob* alguma vez feita. Há, é claro, bastantes mais exemplos: os «excêntricos» de uma organização chamada «Liberation» fizeram de estátuas nas mais estranhas e diversas posições, enchendo a Liverpool Street Station de Londres, em Outubro de 2008; cem estudantes fizeram o mesmo

na estação central de Utrecht, na Holanda, durante cinco minutos, em Fevereiro de 2009; e no centro comercial Nordstan de Gotemburgo, na Suécia, cerca de quinhentas pessoas provocaram os circunstantes com sua repentina ausência total de movimento, em Março de 2009; e se houve quem achasse graça à brincadeira, outros acharam-na perturbadora.

As guerras de almofadas são a encarnação das modalidades de *flash mobs* puramente lúdicas e de coreografia extremamente simples. Nelas, como o seu nome indica, os participantes lutam entre si com almofadas que trazem consigo para um local predefinido, desfazendo-as uns contra os outros, numa reminiscência das brincadeiras de criança. Está mesmo institucionalizado o Dia Internacional da Luta de Almofadas. Em 2009, cumpriram-se estas lutas em trinta e cinco cidades, entre as quais Nova Iorque e Curitiba. Em São Francisco, em 2006, fez-se uma no dia dos namorados.

Viagens de metro sem calças

À intenção lúdica ou jocosa de todas elas, as *flash mobs* em que os participantes viajam no metro sem calças juntam, de forma superlativa, o propósito de provocar. Tais viagens teriam sido iniciadas antes mesmo do primeiro *flash mob* de Wasik. Sabe-se, com efeito, que, já em 2002, no pino de um Inverno rigoroso, alguns jovens do sexo masculino entraram sem calças no metro de Nova Iorque e percorreram sete estações em *boxers* espampanantes. Idêntico evento, ocorrido no mesmo metro em Abril de 2006, foi interrompido pela polícia, que prendeu alguns dos intervenientes.

Mas este modesto início rapidamente se transformou numa série de eventos de impacto assegurado: na sétima edição da iniciativa (Janeiro de 2008), participaram novecentos nova-iorquinos; no ano seguinte, o número subiu para mil e duzentos participantes, tendo alguns deles continuado o divertimento à saída do metro, deitando-se na neve, meio despídos; finalmente, em Janeiro do corrente ano, o número de participantes terá ascendido aos três mil, distribuídos por cem carruagens.

Iniciativas semelhantes ocorreram, por exemplo, em Chicago (Janeiro de 2008), em São Paulo, com a participação de alunos da universidade local (Junho de 2009), e em Barcelona (Janeiro de 2010). Neste ano, em Chicago, sob uma temperatura de quinze graus negativos, os participantes entraram sem calças nas carruagens em grupos de cinco a dez pessoas, até o metro ficar cheio, cumprindo a consigna de não sorrirem nem falarem entre si, de modo que, quando interrogados sobre a razão do seu comportamento, davam uma desculpa sem nexos e conti-

nuavam a ler, a estudar ou a ouvir música, como se nada de estranho estivesse a acontecer.

Em Lisboa, realizaram-se eventos semelhantes nos dias mais frios de Janeiro de 2009 e de 2010. Em Los Angeles, a edição de 2010 terá sido também a segunda. O requinte destes acontecimentos chegou ao ponto de se ter realizado, no Dia das Mentiras de 2010, uma pretensa viagem sem roupa interior no metro de Nova Iorque («*No Underwear Subway Ride, faked for April's Fool*»), em que algumas centenas de participantes com roupa interior da cor da pele tiraram as calças já no interior das carruagens, chegando aos seus destinos «despidos».

Flash mobs dançantes

Não há, porém, qualquer tipo de provocação numa das categorias de *flash mobs* mais frequentes, as *flash mob dance*. A sua intenção é, com efeito, puramente lúdica, como diz a notícia referente a uma realizada em Dublin, em Junho de 2007, onde residentes e estrangeiros dançaram tango, para se «divertirem um pouco e alegrarem um dia triste, ou, pelo menos, divertirem condutores e transeuntes na hora de ponta». Neste tipo de eventos, podemos distinguir duas modalidades: uma, em que todos os participantes dançam ao som de uma mesma música; e outra, em que cada qual usa o seu próprio iPod, leitor de mp3 ou *walkman*.

Da primeira modalidade encontram-se muitos exemplos, de características bastante comuns. Refiro alguns: na estação de Waterloo, em Londres (2004), centenas de pessoas dançaram ao som de *jazz* ou de *swing*; na mesma cidade, na estação de Vitória, em Abril do mesmo ano e precisamente às 18:53, os intervenientes cumpriram a ordem de «dançar como nunca tinham feito antes»; na Estação Central de Amesterdão, em Junho de 2009, um grupo de apenas cerca de vinte jovens dançou num círculo formado pelos circunstantes, ao som de várias músicas; nesse mesmo mês, no Thompson Center, em Chicago, ao grupo inicial de uma vintena de jovens dançarinos, juntaram-se depois alguns transeuntes; na Lincoln High Street, em Londres (Março de 2009), mais de setenta estudantes dançaram, bem coordenados, ao som da música «I Feel Good», entre outras; em Iorque, na Pensilvânia (Setembro de 2009), foram-se juntando vários dançarinos a um quarteto inicial, até chegarem a mais de cinquenta.

Naquela que é considerada a maior *flash mob* musical alguma vez realizada, ocorrida em Chicago em Setembro de 2009, a banda Black Eyed Peas cantou para uma multidão de 21 mil pessoas que, inesperada e progressivamente, se foi juntando a uma coreografia iniciada por uma só rapariga. Outros exemplos: na Liverpool Street Station, em Londres, ao som de música clássica e moderna (Janeiro

de 2009); na Estação Central de Antuérpia, ao som do tango «Mi Longa Alma Ardiente» (Maio de 2009); no Burke Street Mall, em Melbourne, com várias centenas de dançarinos, e muitas pessoas a assistir (Janeiro de 2010); primeiro dia dos jogos olímpicos de Inverno (Fevereiro de 2010), quando mais de três mil pessoas dançaram na Robson Street, em Vancouver, para regozijo de alguns milhares de observadores.

As *flash mobs* dançantes foram desenvolvidas em vários países: no Brasil, as pessoas reuniram-se no mercado público de Porto Alegre para celebrar o Natal com dança e música (Novembro de 2009); em Dnepropetrovsk, na Ucrânia, dançaram cerca de cem pessoas na véspera de um concerto dos Backstreet Boys (Novembro de 2009). Mas também: em Toronto (Setembro de 2009), organizada por um grupo de asiáticos; em Paris, junto ao Centro Georges Pompidou e à Catedral de Notre Dame (Outubro de 2009); em Monterey, no México (Outubro de 2009); e finalmente em Pinoy, nas Filipinas (Agosto de 2009), onde dançaram mais de trezentos jovens, no quadro das actividades de uma organização que trabalha para a promoção dos adolescentes, no desporto, na música, na instrução e nas artes.

Preparada longamente e com igual propósito de defender uma causa, realizou-se em frente à Ópera de Sydney, com o patrocínio de várias entidades, uma *flash mob* dançante que alertava para as mudanças climáticas (Julho de 2009). Nela, centenas de jovens, com capacetes verdes e blusas azuis da Power Shift Organization, dançaram durante alguns minutos e dispersaram rapidamente no final, apenas ficando nas escadas da Ópera um dançarino triste, transformado em globo terrestre de cor azul, no mar, e verde, na terra. Outra *flash mob* que defendia uma causa reuniu dezenas de mulheres grávidas para fazerem *breakdance*, em Paris, em Berlim e no Canadá, alertando-se para o escândalo de haver milhões de mulheres em países pobres que não recebem os cuidados de saúde de que necessitam.

Em Portugal, a história das *flash mobs* dançantes é curta e recente. A primeira foi promovida pela TAP e pela ANA, em 2009: algumas dezenas de dançarinos desejaram um bom Natal aos utilizadores do Aeroporto de Lisboa; dias depois, desta vez com mais participantes, as mesmas entidades desejaram um bom ano novo aos passageiros. Logo em Fevereiro de 2010, o Comissariado Regional e a Associação dos Guias de Portugal da região de Braga promoveram uma *flash mob* dançante, com mais de duzentos participantes, para celebrar o Dia Mundial do Pensamento. O Metro do Porto e outras entidades organizaram uma dança ao som de instrumentos de percussão e canções várias, na Praça da Trindade, para assinalar o Dia Mundial da Dança, com a participação de algumas dezenas de figurantes (Abril de 2010). E a Escola de Dança e Artes Performativas Backstage

celebrou em Braga o Dia Mundial da Música, com cento e cinquenta participantes que dançaram ao som de «Fame» (Abril de 2010). Finalmente, os alunos de diversas escolas de dança do Norte reuniram-se para uma celebração semelhante no átrio da Estação de São Bento, no Porto (Maio de 2010).

O segundo tipo de *flash mobs* dançantes, em que os participantes dançam ao som de fontes sonoras diferentes, é certamente mais espontâneo do que as *flash mobs* anteriores. Delas refiro vários exemplos: em Liverpool Street, em Londres, exactamente às 19:24 do dia 11 de Outubro de 2006, várias raparigas dançaram ao som dos seus próprios leitores de música, no que foi denominado uma *silent flash mob* dançante. O modelo foi repetido em Julho 2007, num lugar não identificado, numa *silent flash mob raving*, em que trezentas pessoas dançaram ao som de leitores de mp3 individuais²⁸. Da mesma maneira, na estação de caminhos-de-ferro de Vancouver, realizou-se uma *silent disco type flash mob*, em que cada uma das cerca de duas dezenas de participantes dançou ao som da sua própria música (Março de 2009). Por outro lado, a Flash Mob Society programou um evento semelhante em 2010, denominando-o «*silent rave*», para Bolonha: durante dez minutos, todos os que na praça apareceram dançaram em silêncio a música que imaginavam. E em Londres, junto da Catedral de São Paulo (Julho de 2007), ou na Liverpool Street Station (Outubro de 2008), todos os participantes dançaram ao som dos seus próprios *walkman*.

Flash mobs promocionais

Paralelamente às *flash mobs* com intenção expressa ou latente de desafiar ou divertir, outras há que pretendem transmitir uma mensagem. Na Union Station, em Washington, várias pessoas começaram a tirar a roupa, sob a qual tinham uma *T-shirt* com os dizeres «Live United» (Novembro de 2008). Ficaram hirtas como estátuas durante alguns minutos, abandonando depois o local como se nada tivesse acontecido. A mesma mensagem foi transmitida em idêntica *T-shirt* em Janeiro de 2010, em Biloxi, no Mississípi, pelos estudantes que trabalhavam no Alternative Spring Break.

Algumas das *flash mobs* – entre as quais, as chamadas «*stunts*» – têm intui-tos promocionais explícitos. Uma delas, promovida por uma estação de televisão, ocorreu na Estação Central de Antuérpia, com mais de duzentos participantes a dançar ao som da canção «Do-Re-Mi», para encontrar quem desempenhasse o papel principal no musical *The Sound of Music* (Março de 2009). Outras promovem produtos, como a *Coca-Cola*: em local não identificado, um grupo numeroso de pessoas correu para uma praça e concentrou-se dentro do desenho, no solo, de

uma garrafa. Depois deslocou-se para dentro de um copo também aí debuxado, imitando líquido a ser derramado (Junho de 2007). E na Trafalgar Square fez-se a promoção da T-Mobile, ao som de «So What» de Pink e do «Hey Jude», dos Beatles, bem como de outras canções, com a participação de cerca de 13 500 pessoas, sem que muitos delas soubessem que estavam a colaborar numa acção promocional. Durante esta mega *karaoke flash mob*, fez-se também uma *hola* mexicana, em que os participantes levantavam os braços em cadeia, de forma a simular uma onda batendo na praia. Em Lisboa (Maio de 2009), fez-se a promoção do detergente *Surf* no Centro Comercial Vasco da Gama, com a participação de cento e cinquenta profissionais e milhares de pessoas, ao som de várias músicas em inglês e em português.

Com a intenção de lembrar e homenagear artistas, também tem havido algumas *flash mobs* dançantes, sendo o caso mais conhecido o de Mickael Jackson: entre Junho e Agosto de 2009, dançou-se e cantou-se, imitando os seus gestos e ao som de músicas suas, em várias cidades da Europa e dos EUA, das quais menciono, por haver vídeos que as documentam, Viena, Londres, Dublin, Estocolmo, Amesterdão, Paris, Budapeste, Plage le Sablon, Porto e Toronto. Mas também se celebrou Madonna no Japão, dançando, em Setembro de 2009.

***Flash mobs* extravagantes**

Designo como *flash mobs* extravagantes as que têm contextos de ocorrência ou formas de concretização pouco comuns. Mas a classificação não é rigorosa, dado que algumas *flash mobs* já mencionadas poderiam ser colocadas nesta secção.

Como exemplo de ocasiões extravagantes usadas na produção de *flash mobs* temos uma festa de aniversário feita em Nova Iorque (Fevereiro de 2010), por trinta pessoas, a alguém completamente desconhecido. Ou a *flash mob* promovida por quem perdeu a sua namorada e resolveu convocar uma festa para uma praia, tendo aparecido mais de cinco mil pessoas, que ocuparam a maior das ilhas Frísias. Poderíamos igualmente incluir neste grupo alguns musicais espontâneos, realizados em lugares improváveis e sobre temas improváveis, como o do Baldwins Hill Mall, em Los Angeles (Março de 2008), onde dezasseis jovens cantores, infiltrados no público, cantaram a propósito da falta de guardanapos; ou o que ocorreu no mercado de Queens, em Nova Iorque (Outubro de 2009), onde cinco jovens cantaram sobre toda a espécie de fruta. E não deixarei de mencionar uma, algo intrigante, sob o nome de espelho humano, em que quinze gémeos idênticos viajavam uns em frente dos outros, no metro de Nova Iorque, para espanto dos passageiros (Julho de 2008).

Zombie walks

Um modelo de *flash mob* algo discrepante dos que até aqui foram referidos é o dos *zombie walk*, *zombie mob* ou *zombie horde*, em que um grupo mais ou menos numeroso de pessoas, com caracterizações tétricas e temerosas, imitando mortos-vivos, se passeia ou corre por lugares muito frequentados, aterrorizando os presentes. O primeiro «passeio *zombie*» terá ocorrido em Sacramento, na Califórnia, em Agosto de 2001. Mas muitos outros foram organizados, por ocasião de festivais de filmes de terror ou por entusiastas deste género de espectáculos. Tais eventos foram mesmo transformados em festivais anuais (*zombie fests*), tendo o número de pessoas que neles participam vindo a aumentar, sendo hoje muitas mais do que as seis que estiveram presentes num dos primeiros eventos do género (Toronto, em Outubro de 2003). Houve, com efeito, mil e cem participantes em Toronto (2007); mil e quinhentos em Brisbane, na Austrália (2008); à volta de quatro mil em Grand Rapids, no Michigan (2008); e cerca de oito mil na mesma cidade, em 2009. Nem todos estes números estão certificados, mas alguns constam do *Guinness World Records*²⁹.

No Brasil, houve manifestações do género pelo menos em trinta e duas cidades. A primeira, segundo parece, foi em Belém do Pará, em 2006³⁰. Em Portugal, realizaram-se *zombie walks* em Lisboa, em 2007 e 2008, bem como em fins de Outubro de 2010. Há mesmo uma organização que os promove e organiza.

Breve revisitação

As categorias sob as quais tentámos organizar a variedade das *flash mobs*, com base em alguns dos seus aspectos exteriores, podem ser complementadas com uma análise da sua natureza e dos objectivos, patentes ou latentes, dos seus portadores, os grupos pós-modernos mais dinâmicos. No que se refere à sua natureza, devem-se distinguir as formas de *flash mob* puramente lúdicas das que têm um propósito definido. As primeiras como que se esgotam na intenção de divertimento, não passando de instâncias de fuga às imposições do quotidiano, seja em termos de regras de conduta, seja de apresentação de si mesmo (v.g., viagens sem calças, *zombie walks*). Mas a sua finalidade última, tal como a de todas as actividades de natureza não estritamente económica, inscreve-se na exercitação da sociabilidade com vista à produção de laços comunitários. Esta mesma finalidade genérica está subjacente às *flash mobs* marcadamente orientadas para a obtenção de fins sociais concretos. E todas cumprem, pelo menos, dois dos seguintes objectivos: libertar da anodinia da vida urbana, forçar o reconhecimento de actores

anónimos e alertar para problemas globais emergentes. Todas elas utilizam a surpresa perante o inusitado, a inversão dos códigos de conduta aceites e a provocação resultante dessa inversão, como meio de produzir impacto.

Um segundo aspecto a deduzir do exame das *flash mobs* estudadas refere-se à incorrecção da exigência de um número alargado de participantes, expressa por algumas definições, já que vários exemplos a não sustentam. Não é, com efeito, a dimensão, mas o propósito e as formas de reunião e de finalização que definem as *flash mobs*. Por outro lado, a ideia de que o agrupamento não deve ser programado, implícita na palavra «*flash*», só é cumprida nas *mobs* informais.

Ignorando, pois, nos exemplos dados, o que lhe é específico e tomando das várias tentativas de interpretação feitas a sua súmula, podemos dizer que os materiais recolhidos apontam para que as *flash mobs* sejam uma expressão da necessidade de introduzir instâncias de subversão na quotidianidade das sociedades urbanas actuais; não derivem directamente da tradição mas da inventiva, por vezes instantânea, dos actores mais dinâmicos e menos formais ou conformistas; e criem laços, mesmo que precários e momentâneos, que tentam ultrapassar o défice urbano de relações face a face.

No que respeita a não derivarem directamente da tradição, noto que nem todas as formas antes comentadas são inteiramente novas. As lutas de almofadas, por exemplo, são simples transformações das bem conhecidas brincadeiras de criança, e podem comparar-se com algumas práticas tradicionais nas festas de Carnaval e de São João, em que existem combates semelhantes. Em São Miguel, nos Açores, por exemplo, «amandavam-se» limas de água aos passantes; e no Porto, no dia do padroeiro da cidade, eram usados alhos-porros e seus derivados em batalhas simbólicas equivalentes. E também não podemos deixar de ver nos *zombie walks* um desenvolvimento e uma actualização da festa das bruxas dos países anglo-saxónicos, há pouco tempo introduzido entre nós – sem essas excêntridades, até à data, segundo parece.

O que é verdadeiramente novo é que estas actividades públicas são pouco usuais e sem obrigatoriedade de repetição, juntando pessoas que se não conhecem, nelas libertando o seu capital de ludicidade. Não lhes é, portanto, específico comemorar alguma coisa ou estabelecer uma relação de continuidade com o passado, embora num caso ou noutro isso se verifique, como na *flash mob* realizada em São Francisco (Agosto de 2009) em que, exactamente quarenta anos depois de os The Who terem actuado em Woodstock, uma centena de bailarinos surpreendeu turistas e transeuntes com as suas coreografias na Union Square.

Mas isto não quer dizer que algumas *flash mobs* não venham a tornar-se instituições, com suas regras e rituais. Há mesmo quem já se pergunte se as *flash*

mobs não são movimentos³¹. Em termos sociológicos rigorosos, porém, a questão não me parece adequadamente posta: na maior parte dos casos não estamos diante de movimentos, mas de simples eventos.

3. Dos abraços grátis às noites nas discotecas

Não terminarei esta análise sem me referir brevemente a dois outros fenómenos relacionados com o nosso tema: os abraços grátis (*free hugs*), de invenção recentíssima, e a popularização das discotecas, verificada em Portugal, sobretudo a partir do último quartel do século xx. A associação destes dois temas parece fortuita. No entanto, estamos perante formas antagónicas de estar: nos abraços grátis, força-se a intimidade com pessoas estranhas; na frequência das discotecas, o indivíduo perde-se na multidão ruidosa, abrindo-se a diferentes formas de esquecimento de si. Por esta diferença justifica-se o seu tratamento conjunto.

Começemos pela caracterização dos «abraços grátis»³², uma prática social em que duas ou mais pessoas, num lugar público, começam a abraçar quem encontram e se mostra receptivo a esse tipo de intimidade. Para que o gesto não seja mal interpretado, os actores munem-se de um cartaz com os dizeres «abraços grátis». Por serem geralmente poucas as pessoas abrangidas e não haver muitas a observar, esta actividade não provoca grandes aglomerações. Não é, por isso, comparável com a grande maioria das *flash mobs*. Mas partilha com elas o inesperado da acção e a sua estranheza.

No dia 4 de Abril de 2009, deram-se pela segunda vez «Abraços Grátis Globais» e «o mundo uniu-se num abraço», como diz um dos comentários dos vídeos visionados, entre os muitos disponíveis, referentes a países como: Nigéria (Abuja), China (Hong Kong), Paquistão (Lahore), Dinamarca (Copenhaga), França (Paris), Itália (Milão), Holanda (Maastricht), Canadá (Colúmbia Britânica, East Bank, Nanaimo), EUA (Huntington Beach, Santa Barbara, West Palm Beach, Chicago, Louisville, Zwolle, Cleveland, Sewickley, Beaufort, Washington DC), Peru (Lima), Venezuela e Espanha (Barcelona). E há vídeos compósitos referente a países como: Austrália, Argentina, Brasil, Malta, Sérvia, Noruega, Dinamarca, Bulgária, Holanda, Alemanha, Israel, Eslovénia, Venezuela, Canadá, Colômbia, Irlanda, Finlândia, Suécia, Polónia, Taiwan, República Checa, Roménia, Rússia, Escócia, Áustria, Itália, Coreia do Sul, Espanha e Ucrânia. De Portugal, chegaram ao meu conhecimento os realizados em Lisboa (Novembro de 2006, Dezembro de 2006, Fevereiro de 2007, Janeiro de 2008, Março de 2008 e Julho de 2008), no Porto (Outubro de 2006 e Março de 2007) e nas Caldas da Rainha (Janeiro de 2008). Não

é, porém, a frequência e a repetição destes factos que mais interessa destacar, mas o que eles significam: a necessidade de suprir a falta de reconhecimento pessoal, mesmo que por meios que mais acentuam do que resolvem a questão do anonimato e da solidão, próprias das sociedades urbanas.

Na mesma linha de interpretação podemos pôr um outro fenómeno, cada vez mais frequente entre os jovens: a frequência das discotecas. Estes locais de diversão resultam, em termos da sua origem lúdica, de uma transformação dos bailaricos de domingos, feriados e dias santos e dos arraiais das comunidades rurais. Com elas institucionalizou-se o divertimento, que se tornou fácil e sempre disponível. Permitindo o encontro diário entre jovens em ambiente festivo, fomentaram e incentivaram, além disso, os excessos que lhes são próprios, designadamente o da bebida. Por isso são uma das instâncias mais eficazes da quotidianização da festa. Ao lado delas, as formas emergentes de que falámos antes são apenas arremedos inconsequentes.

Conclusão

As classes urbanas afluentes, intelectuais e artísticas, libertas da necessidade de se envolverem na produção de bens materiais, têm vindo a assumir cada vez mais a sua função natural de agentes de transformação cultural, procurando os seus membros mais dinâmicos, inventivos e rebeldes instaurar no meio social formas sempre novas de «pensar, sentir e agir».

O efeito destas intervenções dificilmente se pode prever, seja imediatamente, seja a médio e longo prazo, estando os factores de imprevisibilidade dependentes (i) da intervenção de instâncias de transformação discrepantes; (ii) do desconhecimento dos pontos de ancoragem dos traços culturais em ascensão; e (iii) do desconhecimento da importância relativa das forças de estruturação e desagregação cultural. Não me será, pois, fácil dizer quais as formas festivas que perdurarão no futuro, nem em que quadro institucional. Mas não tenho dúvidas em afirmar que os factos aqui estudados e as categorizações aqui feitas são uma das etapas necessárias à compreensão de como se constroem, estruturam e sedimentam as culturas, assim como à avaliação da importância das diferentes formas de festa na identificação das forças que as movem. O meio prolífico surgido no século XXI permite mesmo captar ao vivo o jogo de forças em presença.

Para já, sabemos que grande parte das formas emergentes de festividade são esporádicas e de funcionalidade imprecisa, não têm grupo portador certo e não estão ritualizadas, estando, por isso, em princípio, condenadas ao desapareci-

mento, como aconteceu aos *happenings* e às *raves*. As que mais poderão resistir a tal destino são as que seguem modelos preexistentes, tais como as *fast feasts* e *fast feasts* de conteúdo culinário ou agónico, ou as *flash mobs* dançantes e memoriais. As outras, designadamente as puramente lúdicas, tenderão a ficar sujeitas a grandes mudanças, tanto na forma como no conteúdo. Não foi, na verdade, a respeito de uma delas – a realizada em São Paulo, com os intervenientes a baterem com os sapatos na estrada – que judiciosamente alguém disse ser «uma celebração do nada, feito por pessoas que não têm nada a dizer»³³? E não é certo que tais *flash mobs* se esgotam na breve emoção de quem as vive?

Seja como for, sabemos que as novas modalidades de festividade das sociedades mais progressistas se caracterizam pela espontaneidade, pela imprevisibilidade e pela precariedade, ao contrário das formas tradicionais de festa, em que a repetitividade, a ritualidade e a permanência do grupo portador garantiam a sua vitalidade; e que a possibilidade de as formas analisadas perdurarem depende de a inspiração criativa dos seus impulsionadores ser ritualizada e institucionalizada. Por outro lado, parece deduzir-se do que foi dito que será necessário ver o resultado do jogo entre as instâncias de ludicidade gratuita e de discrepância normativa e estética para se saber como as tensões culturais ou a sua exacerbação se resolvem, e como a festa irá invadir ainda mais o quotidiano.

Lisboa, Abril de 2010

NOTAS

- ¹ H. L. Mencken (2009), *The American Language*, Nova Iorque: Cosimo [1919], p. 35, destaca, na língua anglo-americana, a constante experimentação, a «hospitalidade da novidade», a procura de formas novas e vívidas, nenhuma outra mostrando a mesma fecundidade e originalidade de imaginação, «produzindo novas palavras diariamente». Cf. também Daniel Bell, «Modernidade e Sociedade de Massa», in D. MacDonald *et al.* (1917), *A Indústria da Cultura*, Lisboa: Meridiano, p. 24.
- ² Bernardette Mayer (1996), *Proper Name and Other Stories*, Nova Iorque: New Direction Books, p. 36, usa a expressão «fruitful full fast feast».
- ³ A associação entre jejum, festa e carne é explorada por Caroline Walker Bynum (1985), «Fast, Feast and Flesh: The religious significance of food to medieval women», *Representations*, 11, Berkeley: University of California Press, pp. 1-25. Para a relação entre comida e tentação carnal e substituição de uma pela outra na Idade Média, cf. *idem, ibidem*, pp. 11-12.
- ⁴ Muitas das utilizações da expressão encontradas na literatura têm este contexto. Em Cynthia Barstow (2002), *The Eco-Food Guide*, Ilha Gabriola: New Society Publishers, p. 92, bem como num romance de Terry Tibke (2009), *Armagedon, The Battle of Dakening Skies*, Nova Iorque: Eloquent Books, p. 239, trata-se da preparação de comida rápida em contexto festivo. O mesmo se lê, por exemplo, em http://nymag.com/nymetro/urban/holidays/features/n_7950, onde, sob o título de *fast feast*, um cozinheiro nova-iorquino ensina a preparar rapidamente o peru da festa de Ação de Graças. Mas a grande maioria das referências diz respeito ao contexto religioso, católico, muçulmano ou judeu. A ambiguidade e a transformação do jejum em festa são destacadas em http://www.welikeitraw.com/rawfood/2005/11/thanksgiving_fa.html.
- ⁵ <http://www.wordnik.com/words/fast/etymologies>. Cf. a expressão latina *festina lente*, «apressa-te devagar» ou, mais coloquialmente, «devagar se vai ao longe».
- ⁶ Constantin Boym (2002), *Curious Boym: Design works*, Princeton: Princeton Architectural Press, p. 106.
- ⁷ <http://kadmusarts.com/festivals/1236.html>.
- ⁸ <http://www.trezzobeach.altervista.org/blog/?tag=trezzo-fast-fest>.
- ⁹ http://fortaleza.acharei.com.br/detalhe_anuncio/8101/_fast_fest_kids_.htm.
- ¹⁰ <http://www.southderbyscricket.co.uk/news2003.html>.
- ¹¹ <http://www.astraownersclub.com/vb/showthread.php>.
- ¹² <http://community.fastcar.co.uk>; <http://www.aftermarketcarparts.org/hot/trucks/racing-trucks-fast-fest-santa-pod-1-7-07.html>.
- ¹³ <http://www.hostels.com/blogs/Central-America/Go-West-at-Fantasy-Fest>.
- ¹⁴ <http://media.www.saubuzz.com/media/storage/paper1115/news/2009/03/26/News/Ambrosians.Participate.In.Fast.Fest-3690560.shtml>.
- ¹⁵ <http://saulibrary.wordpress.com/2010/03/16/multicultural-week-2010>.
- ¹⁶ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Happening>; <http://en.wikipedia.org/wiki/Happening>.
- ¹⁷ http://www.facebook.com/pages/UCLA-Happenings/125668345949?v=app_2373072738.
- ¹⁸ <http://happeningsonline.com> (consultado em Abril de 2010).
- ¹⁹ Helen Evans (1992), *Out of Sight, Out of Mind: An analysis of rave culture*, Londres: Wimbledon School of Art, in <http://hehe.org.free.fr/hehe/texte/rave/#hist>.
- ²⁰ <http://en.wikipedia.org/wiki/Rave> (disponível em inglês e em português).
- ²¹ http://en.wikipedia.org/wiki/Subway_party.

- ²² Cf. Andrew A. Adams & Rachel J. McCrindle (2008), *Pandora's Box, Social and Professional Issues of the Information Age*, Chichester: John Wiley, pp. 568-569.
- ²³ Tom Dalzell (2009), *The Routledge Dictionary of Modern American Slang and Unconventional English*, Nova Iorque: Routledge, p. 375.
- ²⁴ Yanna Vogiazou (2007), *Design for Emergence*, Amesterdão: IOS Press pp. 25-27.
- ²⁵ A informação relativa às *flash mobs*, não referenciada nas notas subsequentes, provém da visualização de muitas dezenas de vídeos do YouTube (<http://www.youtube.com>) e respectivos aplicativos. Não dou as suas referências exactas para não aumentar desnecessariamente este aparato.
- ²⁶ <http://blogdocappacete.blogspot.com/2009/06/protesto-chic-e-modernoso-contrageve.html>.
- ²⁷ Andrew A. Adams & Rachel J. McCrindle, *op. cit.*, p. 569.
- ²⁸ Yanna Vogiazou, *op. cit.*, p. 24.
- ²⁹ http://en.wikipedia.org/wiki/Zombie_walk.
- ³⁰ http://pt.wikipedia.org/wiki/Zombie_Walk#Cidades_brasileiras_que_j.C3.A1_tiveram_Zombie_Walk.
- ³¹ Mônica S. C. Lopes (2004), «Flash mob: um movimento contemporâneo?», *X Simpósio de Pesquisa em Comunicação da Região Sudeste – SIPEC*, Rio de Janeiro, 7 e 8 de Dezembro de 2004, in <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/19585/1/Monica+Schieck+C+Lopes.pdf>.
- ³² Toda a informação sobre os «abraços grátis» foi retirada de algumas dezenas de vídeos do YouTube, visualizados em Abril de 2010.
- ³³ <http://blogdocappacete.blogspot.com/2009/06/protesto-chic-e-modernoso-contrageve.html>.